



Piá 21

Este caderno é parte integrante do informativo Eco da Tradição



Nº 138
Fevereiro de 2013

O caderno Piá 21 é publicado mensalmente junto ao jornal Eco da Tradição, sob a responsabilidade da Vice-Presidente de Cultura do MTG - Neusa Marli Bonna Secchi

O RS NO IMAGINÁRIO SOCIAL

“A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO NA FORMAÇÃO DO GAÚCHO”

Imaginação é um termo que, durante muito tempo, esteve ligado às artes e era concebido como uma faculdade produtora de ilusões, sonhos e símbolos. A partir da segunda metade do século XX, porém, o vocábulo passou a ser associado à política, no sentido de que era preciso imaginação social para controlar o futuro e enfrentar os problemas e conflitos da sociedade. Carregada para o campo das ciências humanas, a palavra imaginação recebeu os adjetivos social ou coletiva, tornando-se um objeto de estudo, entre outras, da História, da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia.

A coletividade consegue, a partir do imaginário, organizar-se de maneira que cada indivíduo encontre seu lugar e sua razão de ser. A designação de uma identidade para o grupo, implica, por sua vez, delimitar o território, as relações com o meio ambiente e com os outros, no sentido de se definir as imagens dos amigos e inimigos, dos aliados e dos rivais. O imaginário resulta de um vasto conjunto de imagens, símbolos, rituais, enfim, do conjunto de experiências coletivas e individuais de uma sociedade.

João Simões Lopes Neto e o imaginário social do gaúcho

Numa retrospectiva histórico-literária sobre o gaúcho sul rio-grandense, verifica-se que as primeiras manifestações de um discurso que o privilegiou, no campo da literatura escrita, exaltando suas virtudes físicas e morais e lançando as bases principais para o surgimento e a afirmação do gaúcho-herói, remontam ao século XIX.

Uma análise mais aprofundada da obra de Simões Lopes Neto permite afirmar que o escritor tinha um projeto bem claro de resgatar o passado sul rio-grandense e de descrever sua geografia, seus usos e costumes, paralelamente ao esforço de colocar-se em favor dos dominados, por meio de uma denúncia da degradação provocada pelo progresso tecnológico e pela importação de “produtos” estrangeiros.

A identidade buscada nos Contos gauchescos e Lendas do Sul é feita especialmente pelo personagem-narrador Blau Nunes, o genuíno representante da “raça” gaúcha, a partir da recordação de acontecimentos que diz ter vivido em seus 88 anos de existência. Em viagem por todos os recantos do Rio Grande, Blau vai identificando – e se auto-identificando com lugares, seres e objetos que compõem a geografia e a cultura gaúchas. É Blau quem define as fronteiras, examina o caráter dos habitantes e forma a imagem dos amigos e dos inimigos. Em busca de sua identidade individual, ao mesmo tempo coletiva, desmoraliza e rechaça a presença de qualquer elemento estrangeiro que possa interferir nos meios econômico, político, social, religioso e cultural do Rio Grande, como o contrabando lucrativo, a cobiça e a ganância,

trazidos ao pampa, segundo ele, por castelhanos, ingleses e espanhóis.

Em síntese, o imaginário social veiculado pelo mito do gaúcho-herói cumpriu o papel de organizar a vida coletiva dos sul-rio-grandenses do início do século XX, informando acerca da realidade, orientando suas esperanças e sugerindo, ainda, a se portarem de determinada maneira. Sobressaem aspectos como o respeito à rigidez hierárquica da sociedade, a lealdade e a obediência aos patrões e chefes. Dessa forma, o imaginário social, reproduzido, difundido e manejado em Contos gauchescos e Lendas do Sul, procurou atuar diretamente sobre o comportamento individual e coletivo dos homens gaúchos, na tentativa de fazer com que cada indivíduo encontrasse sua identidade – a do gaúcho-herói – seu lugar na escala social e sua razão de ser, honrando, ainda, o passado heroico e glorioso do Rio Grande, e preservando a memória de seus valorosos heróis.

Lendas do Sul (1913) é o terceiro livro do escritor gaúcho regionalista João Simões Lopes Neto (1865 - 1916). Ele também escreveu Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912) e Casos do Romualdo (1914). O livro narra várias conhecidas lendas do Rio Grande do Sul, outrora passadas de boca a boca, principalmente na região interiorana. Um dos contos apresentados, A Salamanca do Jarau inspirou Érico Veríssimo a escrever algumas partes de sua grande obra, O Tempo e o Vento.

Mas a lenda mais conhecida é, sem dúvida, o Negrinho do Pastoreio, história de um menino escravo que sofre nas mãos de seu dono e é ajudado por Nossa Senhora a encontrar um rebanho perdido. Trata-se de adaptação de uma lenda oral difundida de boca a boca nas senzalas e adotada pelos abolicionistas e que depois ganhou novas versões em prosa, verso, música e filme.

O mito O Lunar de Sepé, ouvido pelo Autor de “uma velhíssima mesquita – Maria Genória Alves-moradora na picada que atravessa o rio Camaquã, entre os municípios de Canguçu e Encruzilhada”, (Lenda do Sul, p.101) narra em versos as contendas guaraníticas das reduções das Missões, causadas pela assinatura do Tratado de Madri em 1750, em que Portugal

A produção e aplicação pedagógica do Caderno Piá 21 é responsabilidade da

Profª Maria Arita Madruga Garcia

Diretora de Cultura interna do MTG

Graduada em Matemática pela

Universidade Católica de Pelotas

Mestre em Meteorologia pela

Universidade Federal de Pelotas

Professora da rede estadual de ensino

Loja da Fundação Gaúcha da Serra
Aqui tu encontras livros, bombachas, camisetas, camisas, botons, pastas, bombas, cds, dvds e muito mais

R. Guilherme Schell, 90
Bairro Sto. Antônio - Porto Alegre/RS
(51) 3223.5194
www.mtg.org.br
lojafcg@mtg.org.br

ERVA-MATE Selo MTG R\$ 5,50

LIVROS DA BIBLIOGRAFIA

CHAPÉUS

BOMBACHAS

Lançamentos
R\$ 10,00
R\$ 15,00
R\$ 30,00

De Segunda a Sexta
Das 9h às 12h - Das 13h às 18h
Remetemos os produtos para todo o Brasil



recebia de Espanha essas possessões em troca da Colônia do Sacramento devolvida. É sabido o quanto era significativa a organização dos Sete Povos das Missões de São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Francisco Borja, São Luís Gonzaga, (São João Batista, São Lourenço Martir e Santo Ângelo Custódio) comunidades com organização democrática socializante, em que todos produziam para o grupo, no qual a participação nas decisões era completamente ativa, sistema em que se desenvolveu um clima favorável à intensa produção cultural, principalmente na Arquitetura e na Música. Não era de se estranhar que os índios e missionários lutassem para preservar as reduções. Sepé Tiaraju, corruptela de José, sábio para os charruas, ou chefe, da mesma etimologia de eçapé, que significa ver caminho, alumiar, era realmente um iluminado, marcado por um lunar na testa, insígnia de sua coragem para defender seu povo e suas conquistas.

Na relação dos povos guaraníticos com a coroa de Castela e Portugal fica alegorizada a exploração e opressão dos desvalidos que não podem compreender o que não faz parte de seu código ético de valores e talvez ainda a violência que representaram para os povos mais primitivos os interesses dos civilizados. Veja-se:

**E, de Castela, tampouco
Esperava tal furor;
Pois sendo seu soberano,
respeitava seu senhor;
Já lhe dera ouro e sangue,
E primazia e honor!**

E Sepé Tiarajú é vencido pelos poderosos e com ele todo o povo das Missões. Observe-se:

**Mas, o lunar de Sepé
era o rastro procurado
Pelos vassallos dos reis,
Que o haviam condenado...
ficando o povo, vencido.....
E seu haver...conquistado!**

A segunda lenda, O negrinho do pastoreio, considerada a mais genuinamente sul-rio-grandense, muito lida e contada, talvez tenha sua popularidade embasada no quanto chocante é uma alegoria dos maus tratos aos escravos num Estado onde a escravidão não foi enfática nem agressiva. Fala de um tempo em que as estâncias, como símbolo da propriedade privada, começam a surgir, e do fazendeiro como um mau caráter, contraponto da heroicidade mitificadora com que o campeiro gaúcho é sempre configurado, na qual a generosidade e hospitalidade são fundamentais. Observe-se um fragmento do texto:

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita prataria; porém era muito caúla e muito mau, muito. Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele,

porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era seu próprio couro que ele estava lonqueando [...]

Um negrinho sem nome era empregado desse estancieiro que, irritado por perder uma carreira de cavalos em que esse era o ginete do baio, maltrata-o seguidas vezes obrigando-o a cuidar de tropilhas de animais que fogem, ou porque ele se distrai dormindo, ou porque o filho do patrão, tão maleva como o pai, solta os animais deixando-os fugir. O estigma de perder o gado passa a acompanhar o negrinho que de tantos maus tratos do estancieiro acaba morrendo jogado num formigueiro. E, como narra o mito “nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro...e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno[...].”, enfatizando-se o pouco valor dos bens materiais tão estimados pelo fazendeiro.

No final do mito, o negrinho ressuscita, salvo por N^a. Sra. sua madrinha e passa a ser considerado como aquele que tem o poder de achar perdidos. Veja-se: “daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma coisa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar ...da Virgem, ...que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém vê”. Então, “quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo-Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!... Se ele não achar... ninguém mais”.



A terceira lenda, Mboitatá é um mito guaranítico que - para explicar as fantasias criadas pela aparição dos fogos-fátuos no campo, produzidos pela fosforescência de restos de ossadas- conta a história de uma interminável noite em que houve uma enchente tão grande que alagando a cova da cobra boiguaçu fê-la sair para fora e comer todos os olhos dos animais e





homens mortos transformando-se numa serpente luminosa.

É procedimento habitual em Simões Lopes Neto a universalização de um tema regional dando-lhe caráter de alegoria filosófica. Veja-se que, nessa lenda, se discute a essência do ser e sua impossibilidade de transferência e apropriação. Isso se repete, na mais significativa lenda desse grupo, A Salamanca do Jarau, introduzida pelas palavras que explicitam sua origem: *"Aqui está tudo o que eu sei, que a minha avó charrua contava à minha mãe, e que ela já ouviu, como cousa velha, contar por outros, que esses viram!..."*

Aqui, se conta um fato ocorrido com Blau Nunes, gaúcho campeiro contador de causos, antigo furriel da Revolução farroupilha, que é o narrador revivido de Contos Gauchescos, outra obra de Simões Lopes Neto. O personagem vive um momento de crise e sem sorte, pois, sendo pobre, ainda perdeu a força, a coragem e o poder de cultivar. Chamado à aventura, sai à procura do boi barroso, elemento mágico capaz de lhe trazer felicidade. Essa busca tem as características de uma viagem mítica que alegoriza também as inquiuições do homem sobre o sentido de sua existência.

Na sua viagem de busca, encontra a Caverna do Jarau, daí, o título da lenda, onde fica sabendo da história de um sacristão encantado e perdido por uma Salamanca, lagartixa mágica, a Teiniaguá, que o seduz metamorfoseada numa princesa lindíssima e o prende para sempre. Entra, então, nesse espaço mágico, onde passa por sete provas que enfrenta: as espadas, os jaguanés e pumas, ossamentas de criaturas, as línguas de fogo, a boicinga, as lindas mulheres, os anões cabeçudos. Chega então à presença da encantada que lhe fala oferecendo prêmios, representados pela sorte, poder de sedução, sabedoria, coragem, autoridade, riqueza e sensibilidade artística, mas o campeiro se dá conta que ele quer muito mais.



Continuando a narrativa, Blau resolve então voltar ao mundo real levando uma moeda mágica que quanto mais paga suas compras mais se

multiplica. No entanto, quem é pago por ele perde em seguida a mesma quantia em algum novo negócio. E assim, todos começam a olhar desconfiados para ele que vai, pouco a pouco, enriquecendo mas perdendo os amigos e ficando muito rico mas infeliz.

Desatinado, Blau volta para a caverna, devolve a moeda e retorna para casa de posse de uma grande descoberta: a importância da amizade e da paz de viver. Vejam-se as últimas palavras que dão fechamento ao mito: *"E agora estava certo de que era pobre como dantes, porém que comeria em paz o seu churrasco...; e em paz o seu chimarrão, em paz a sua sesta, em paz a sua vida!"*

Simões Lopes Neto não imaginaria o quanto sua mão em pala poderia abrir perspectivas de interpretação amplas para o leitor que, a partir de um universo configurado regionalmente, pode alçar-se ao universal. Daí, seu grande valor para a Literatura do Rio Grande do Sul.

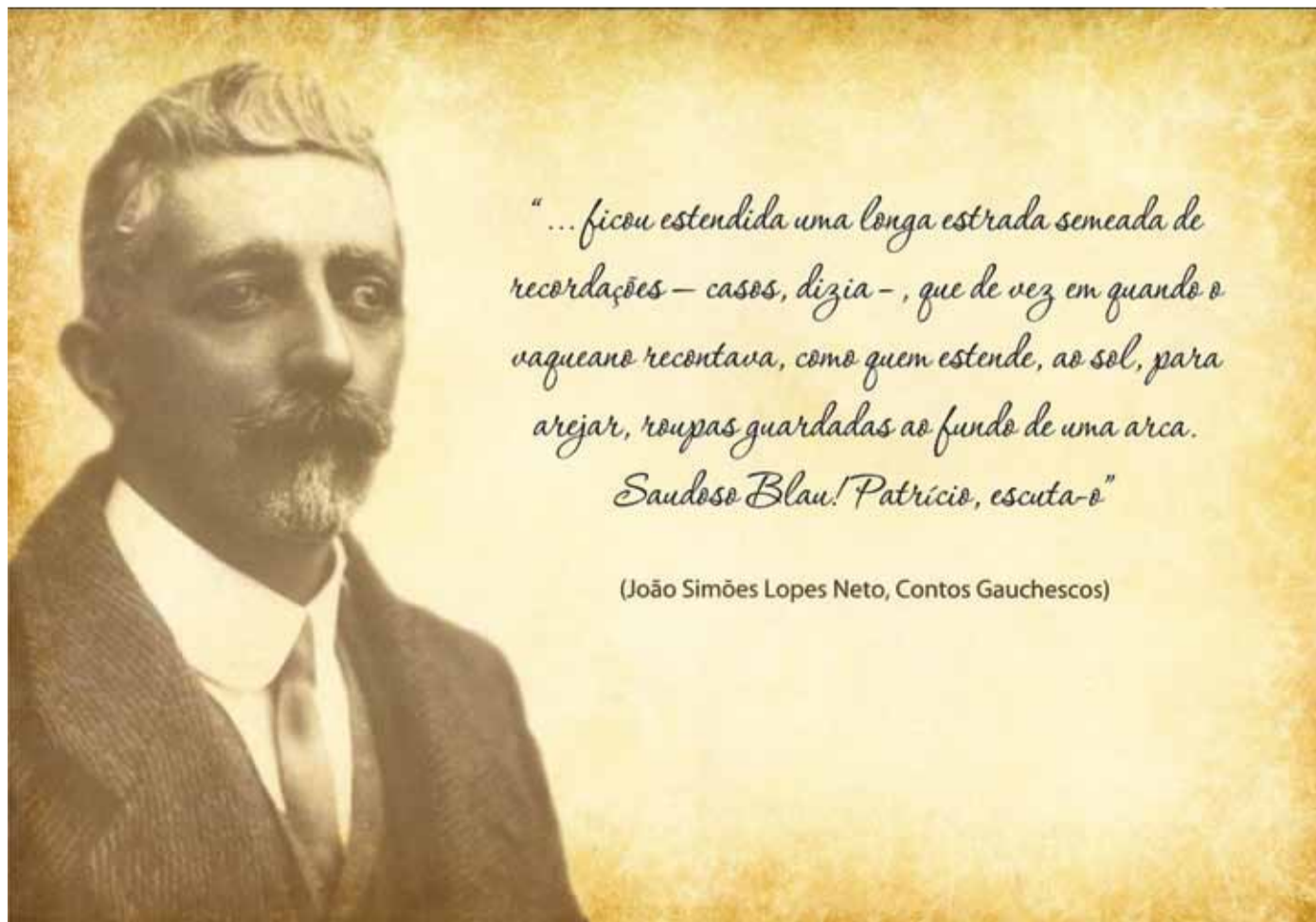
A compilação de lendas efetuada pelo escritor será de grande inspiração para os futuros escritores brasileiros do modernismo, mais especificamente do romance de 30, por se tratar da mais pura representação do homem brasileiro. Nas histórias, nada do homem é ignorado: sua linguagem seus hábitos e até reflexos do ambiente que o rodeia são descritos com uma linguagem despojada, porém de difícil compreensão para aqueles que não estão habituados ao vocabulário gaúcho. Por se encontrar em uma linha limite entre o realismo e o modernismo propriamente dito, as obras de João Simões Lopes Neto são agrupadas no perfil literário do pré-modernismo.

MITO: Mito são narrativas utilizadas pelos povos gregos antigos para explicar fatos da realidade e fenômenos da natureza, as origens do mundo e do homem, que não eram compreendidos por eles. Os mitos se utilizam de muita simbologia, personagens sobrenaturais, deuses e heróis. Todos estes componentes são misturados a fatos reais, características humanas e pessoas que realmente existiram.

LENDAS: O termo lenda vem do latim *legenda* ("coisas que devem ser lidas"). Originariamente, referia-se a uma narrativa escrita lida em público dentro dos mosteiros ou das igrejas. Embora não tivessem grande rigor histórico, eram textos que visavam evidenciar a intenção moral ou o espiritual.

Aplicação pedagógica dos contos e lendas do João Simões Lopes Neto:

- Trabalhar as Lendas em forma de teatro;
- Fazer seminários;
- Reescrever as lendas tentando adaptá-la ao nosso tempo;
- Identificar nas lendas vocábulos desconhecidos e procurar identificá-los;
- Trabalhar os filmes que abordam a obra de JSLN;
- Promover trabalho artístico de colagem, pintura, modelagem, maquetes e outros.
- Trabalhar de modo interdisciplinar as Lendas, procurando em cada uma delas identificar as paisagens descritas (geografia) e o período histórico que se referem;



BIBLIOGRAFIA

- CESAR, Guilhermino. História da Literatura do Rio Grande do Sul. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- LOPES NETO, João Simões. Lendas do sul. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- ZILBERMAN, Regina. Do mito ao romance. Caxias do Sul/ Porto Alegre: EDUCS/ EST, 1977.



O Tempo e o Vento

Uma análise dos três livros

Por Sérgio Gonzaga

A palavra "continente" significa no romance, em primeiro lugar, o território conquistado a ferro e fogo durante os séculos XVIII e XIX. A conquista dá-se simultaneamente por ação privada e por ação estatal. A primeira, iniciada nos Campos de Cima da Serra, e comandada por aventureiros sorocabanos e lagunenses, estende-se rumo ao oeste e ao sul da região, em busca de planícies férteis para o pastoreio. A segunda é mais litorânea, através da imigração açoriana e do estabelecimento de fortificações militares pelo Estado português. Ambas confluem e se unificam, no entanto, em um grande objetivo comum: a tomada da "terra de ninguém" e do gado alçado - vacum e eqüino - que vagava às centenas de milhares pelos campos da Serra e da Campanha.

Em segundo lugar, o "O continente" significa, no romance, o tempo histórico da conquista

pela longa hegemonia política e econômica dos estancieiros até sua derrocada, na década de 1940. É mais do que isso, é uma sutil discussão sobre o significado da existência. Verifica-se isso no confronto estabelecido dentro da narrativa entre duas forças antagônicas:

Tempo: passagem, corrosão, destruição, morte - versus - **Vento:** repetição, continuidade, permanência.

Pode-se dizer que o tempo está associado aos homens, na medida em que estes antecipam o trabalho daquele, contribuindo, através da violência sistemática, com a força destruidora a que o tempo tudo submete.

Já o vento relaciona-se simbolicamente com as mulheres, porque estas representam a resistência humana contra as guerras e o instinto da morte. Para isso, Ana Terra, Bibiana Terra e Maria Valéria Terra valem-se da memória (sempre deflagrada em noites de vento). Atiçada pelas ventanias, a memória feminina restabelece lembranças dos que já partiram e, ao evocá-los, injeta neles um sopro de vida. Lembrar é, pois, resistir ao sem-sentido do tempo e protestar contra a morte.

Por isso, no final da trilogia, o escritor Floriano Cambará - sentindo-se mais próximo das recordações femininas que da arrogância guerreira dos homens - resolve salvar a memória



e da consolidação do poder dos estancieiros na região, associado à solidificação do núcleo familiar, originando os primeiros clãs dominantes. Aqui, "O continente" significa aglutinação, coesão, esforço familiar num sentido comum. Bem diferente de "O arquipélago", que traz a ideia de desintegração, fim do clã, estilhaçamento, isolamento dos indivíduos.

Se "O continente" traça a origem da sociedade rio-grandense, sob o controle de uma elite audaz e guerreira - forjada em lutas fronteiriças e revoluções - a partir de fins do século XVIII e durante todo o século XIX; **O retrato** - já centralizado nas primeiras décadas do século XX - registra o momento em que os velhos oligarcas são substituídos por caudilhos ilustrados, a exemplo de Rodrigo Cambará; por fim, "O arquipélago" mostra não apenas a derrocada da família dirigente e a decadência política dos estancieiros gaúchos, como também a emergência vitoriosa dos novos grupos sociais, especialmente o dos alemães e dos italianos.

O SENTIDO FILOSÓFICO DA TRILOGIA

Em seu conjunto, O tempo e o vento não é apenas o mais notável romance histórico brasileiro, tampouco uma criação artística centrada exclusivamente sobre a formação social rio-grandense e suas origens épicas e míticas, passando



que as mulheres conservaram de todas as experiências fundamentais da família Terra-Cambará. E registra, então, sob a forma de um romance, o mundo passado que o tempo, inexoravelmente, transformaria em pó, em nada. Para o escritor, só a arte responde à falta de significado da vida humana. Só a arte tem o poder de resistir à voragem do tempo.

As primeiras páginas do romance de Floriano Cambará terminam "O tempo e o vento":

"Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado."

Fechando-se sobre si mesmo, o romance termina da mesma forma que, duas mil e duzentas páginas antes, havia iniciado: *"Era uma noite fria..."*

Aplicação pedagógica de "O tempo e o Vento"

- Criar coreografias dos grupos de danças baseadas no tema dos festejos com mitos e lendas e imaginário social...
- Criar peças de teatro
- Concursos literários
- Gincana de conhecimentos (jogos)
- Produzir curta metragens sobre temas como os contos gauchescos, capitão Rodrigo, mitos e lendas do RS
- Concursos de produção de curtas, poesias, fotografia